

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXIII Volume

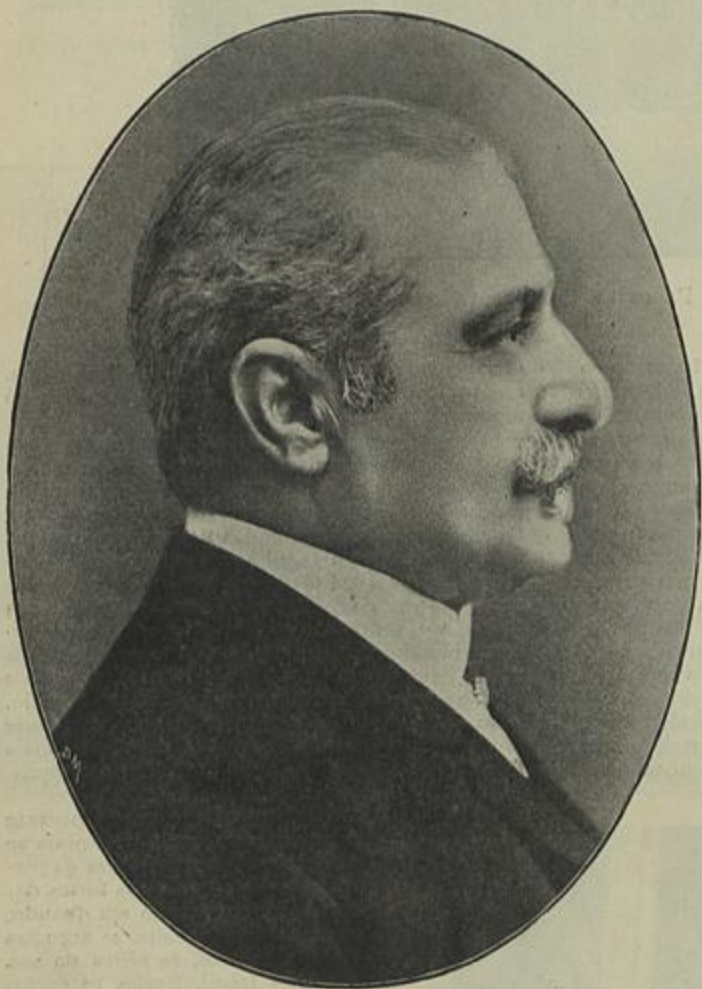
Redacção e Administração
Travessa do Convento de Jesus, 4

30 de Outubro de 1910

Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial
Praca dos Restauradores, 27

N.º 1146

Os funeraes do Dr. Bombarda e Vice-Almirante Candido dos Reis



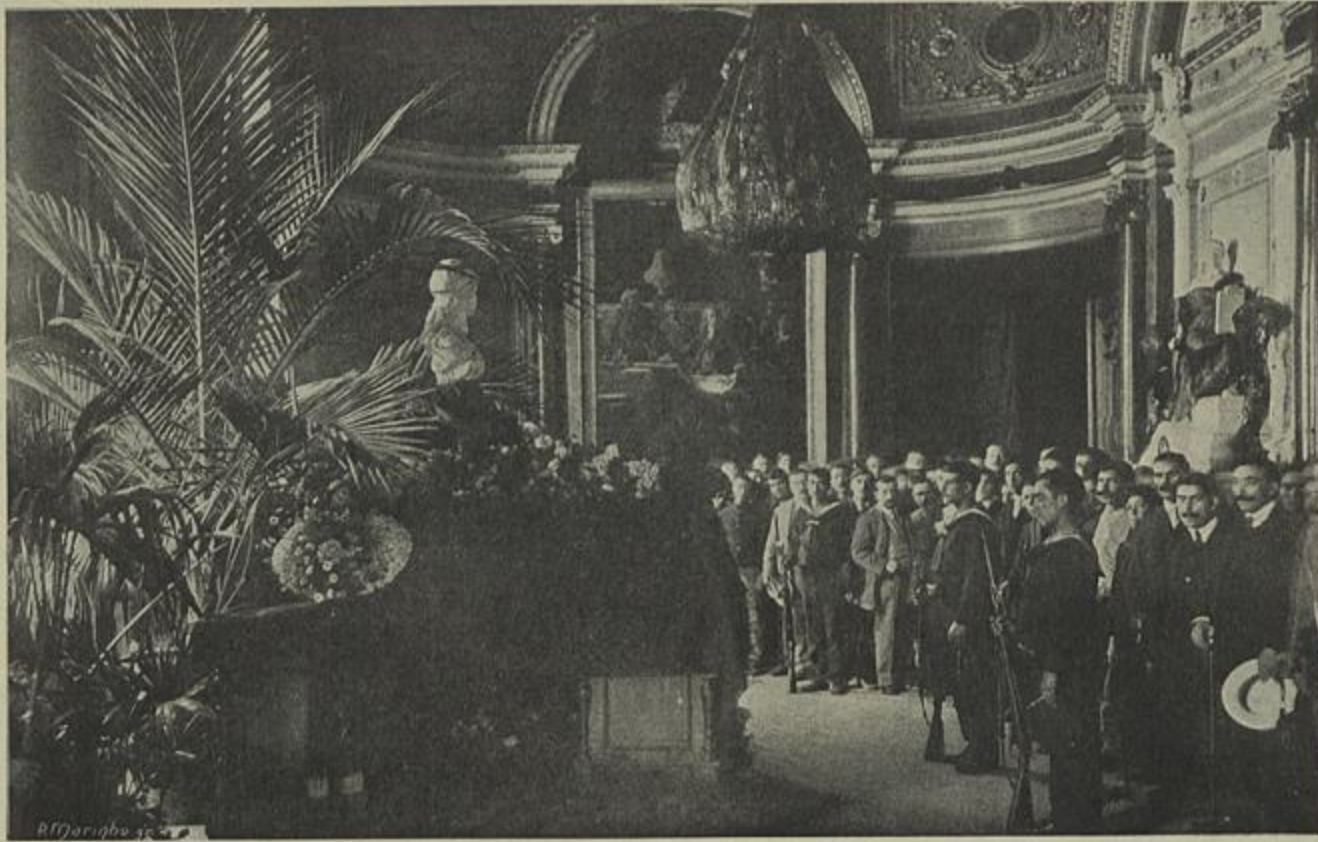
DR. MIGUEL BOMBARDA



VICE-ALMIRANTE CANDIDO DOS REIS



AS REPRESENTAÇÕES NOS FUNERAES — A CAMARA MUNICIPAL DO PORTO — O GOVERNO PROVISORIO
(Vid. Chronica)



A CAMARA ARDENTE, NA SALA DE HONRA DOS PAÇOS DO CONCELHO

CHRONICA OCCIDENTAL

Durante seculos se tinha ensinado ao povo português a lição da sua historia como uma melopéa de saudades. Durante seculos soffreu e padeceu o peito que se vergava sob a flambagem das nossas chronicas guerreiras, e os olhos se levantavam das longas leituras amarellecidas, rasos de agua, tremeluzindo, entre o pranto, clarões de iritação nobilissima.

Pois seria possível que tanta fé, tanto valor, tanta grandeza d'alma, tanta loucura grandiosa, tanto sangue espargelado, com a prodigalidade de todos os sacrificios augustos, se tivessem perdido para sempre?

Seculos de ensino beato e triste haviam procurado arrancar da alma portuguesa todo o estímullo de rejuvenescimento, toda a esperança de reconquista, todo o perfume de nova primavera. Do alto dos pulpitos, do parapeito das tribunas, uma palavra apenas se tinha ouvido durante longos annos de provação: paciencia! De todas as virtudes christans, que revigoram o espirito e levantam a fé para a confiança de melhor futuro, só aquella, a da resignação, se espalhava pelas escolas, se prégava nas cathedraes, se pronunciava nos parlamentos, se publicava nos jornaes amordaçados pelo antigo criterio estreito e policiador de homens. Assim, na miseria moral dos que se deixavam esmagar pela doutrinação do abandono da historia, não havia duvida alguma de que nós eramos, e seriamos para todo o sempre, aquella entidade passiva e submissa que o

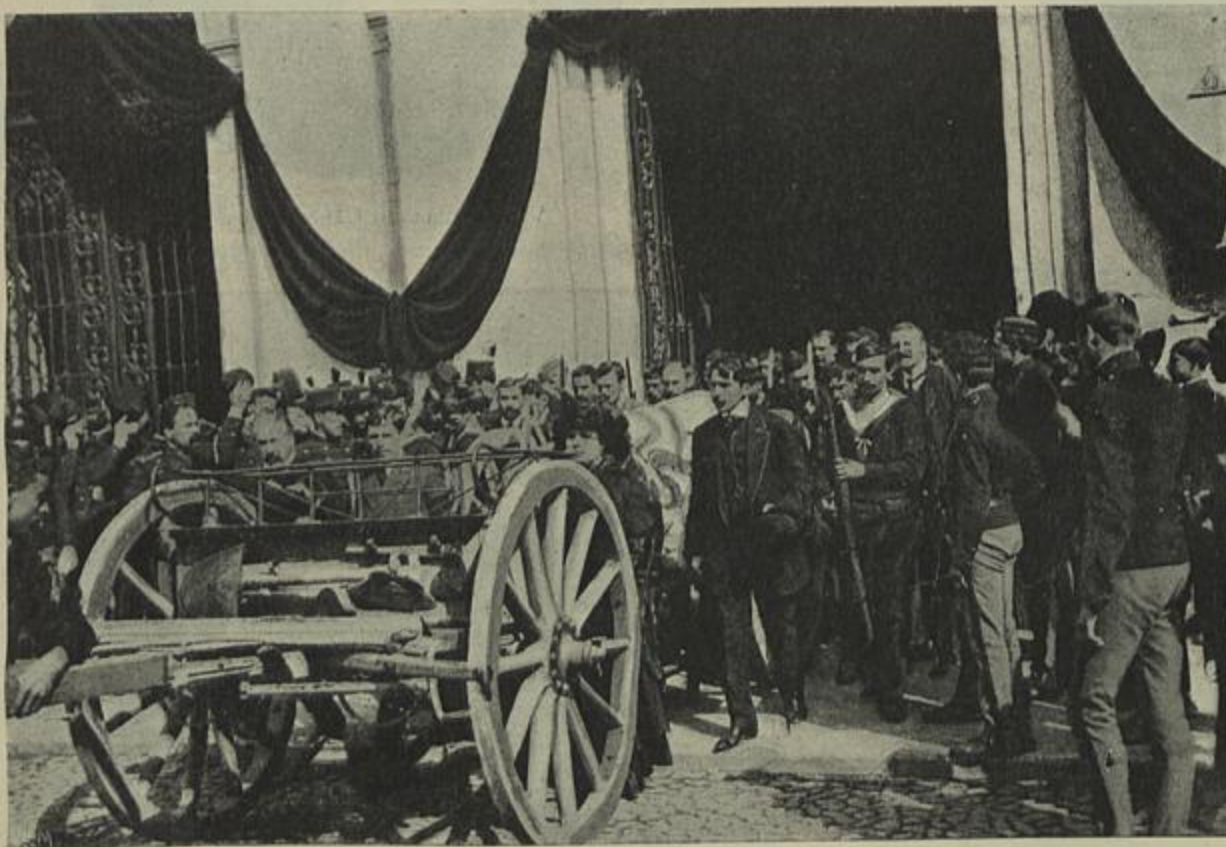
estrangeiro escarnecia e enchia de ignominia, creatura estiolando á parte de uma civilisação só amparada na força e na cubiça...

O papel que distribuimos a nós mesmos era o de sebastianista arruinado e mendicante, dando-se por muito satisfeito quando, em troca do seu mobiliario antigo e precioso, conseguia obter algumas moedas regateadas pela rapina e roídas pela usura. Quem estudasse, em todas as bibliothecas se possível fôsse, o pensamento predominante da critica moderna sobre a vida geral dos povos, veria saltar, a toda a evidencia de um aserto unanime, insistente, a immensa magoa da nossa decadencia, em face do peso immenso e subjugador da historia, esmagando, queimando, destruindo toda a esperança numa vitalidade nova, toda a ousadia de uma fé mais pura, mais fertil, mais vermelha de sangue altivo e conquistador.

E como não se mente perante a justiça, sem que a ignominia se mascare sob a apparencia da piedade, a diplomacia dos fortes denunciava, de quando em quando, os fios da sua meada, as argucias do seu criterio, as sédes da sua ambição fébril. Então, as exclamações de falsa piedade rebentavam alternativamente com a iniciação dos projectos ambiciosos. Que eramos um excellento povo — dizia-se — muito moderado e ordeiro, trabalhador e honesto; mas tão pobre, tão debil, tão desadorado, tão rotineiro, que era manifesta a nossa incapacidade na manutenção dos nossos dominios e na consecução das reformas que a civilisação reclamava de nós.

Como chegaria, um dia, o pariah da India ao goso inteiro da sua personalidade, tal como a estatuiu a filosofia social contemporanea, se elle continuasse a ser um vadio, senão um salteador, nas mãos dos portugueses? Quasi faria do negro uma creatura aproveitavel, para si e para os outros, se o português não tinha dinheiro, nem força, nem religião, nem vontade de o trazer para a communhão das regalias modernas?

Quantas vezes se tinha repetido, cuspidito sobre a nossa patria essas interrogações da formidavel intriga! E havia tanta insistencia na ignominia, tanta sabedoria na doutrina, tanta persuasão na pa-

A SAHIDA DOS FERETROS DA CAMARA MUNICIPAL
(Cliché da Mala da Europa)



O 1.º TENENTE DA ARMADA SR. CARLOS MAIA, CONDUZINDO O CHAPEU ARMADO E A ESPADA DO VICE-ALMIRANTE CANDIDO DOS REIS

O que nós não perderamos, no meio das trevas de dois seculos, e que valia bem mais que toda a nossa fortuna, e era virtude bem mais enraizada que a nossa fé, fôra a audacia do nosso pensamento, a energia do nosso braço, a altivez da nossa independencia.

Ahi o está dizendo agora o entusiasmo de todo um povo soltando o grito de victoria que rebenta de todos os labios, expansão d'aquelle mesmo espirito audaz que se espargue e vibra por todas as paginas da chronica dos nossos heroismos; grito que é voz d'aquelle avatar, vestindo aço, que vem percorrendo os campos de batalha onde se constituiu a nacionalidade portugueza.

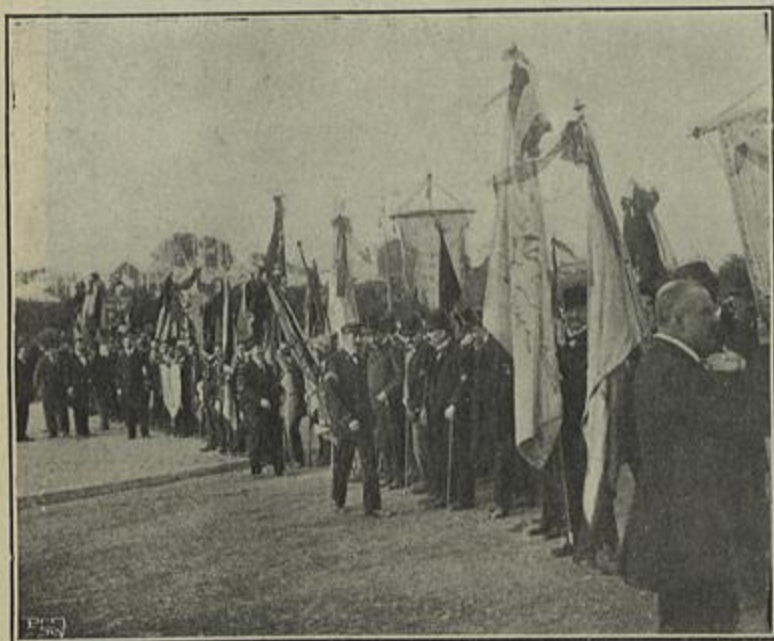
E áquelles que nos julgavam demasiado pequenos para carregar com os esplendores de tão rutila herança, e áquelles que nos consideravam para sempre perdidos por se suppôr perdida a antiga valentia do pulso portuguez, dêmos o spectaculo da revolução que implantou no solo patrio o governo da Republica.

A consagração que o povo, o exercito e a marinha fizeram ao regimen acabado de implantar, foi ao mesmo tempo uma verdadeira apothose á memoria de dois homens, que synthetisaram no seu esforço esta formidavel obra de rehabilitação do nome portuguez.

Refere-se a chronica aos funeraes do Dr. Miguel Bombarda e do Vice-Almirante Candido dos Reis, a grandiosa manifestação de sentimento do povo por amor de quem tanto e tão denodadamente haviam trabalhado e soffrido os dois valentes caudilhos da revolução.

Sabe-se o que foram esses funeraes, a imponencia que revestiram, a significação moral que tiveram, pois não poderia encontrar-se melhor fórma de render a homenagem collectiva da nação ao sistema de governo que a vontade popular impuzera.

A perspectiva que do alto da já historica Rotunda se descobria no momento em que o cortejo enchia a toda a sua extensão a Avenida da Li-



AS CORPORAÇÕES COM OS SEUS ESTANDARTES QUE TOMARAM PARTE NO CORTEJO — A ACADEMIA DE LISBOA ENCORPORADA NO CORTEJO

(Clichés Benoliel)

lavra dos benemeritos do cosmopolitismo, que o pobre espirito da nação, torturado habilmente pelo ensino dos que punham no outro mundo o reino das glorias, tinha acabado por julgar-se decrepito e amortecido. Como se fôsse possivel a um povo morrer sob o esplendor das suas façanhas!

Mas queria tudo isso dizer, porventura, que estivessem adormecidos para sempre no coração portuguez o brio, o respeito proprio, a galhardia, a esperança de uma resurreição para a honra?

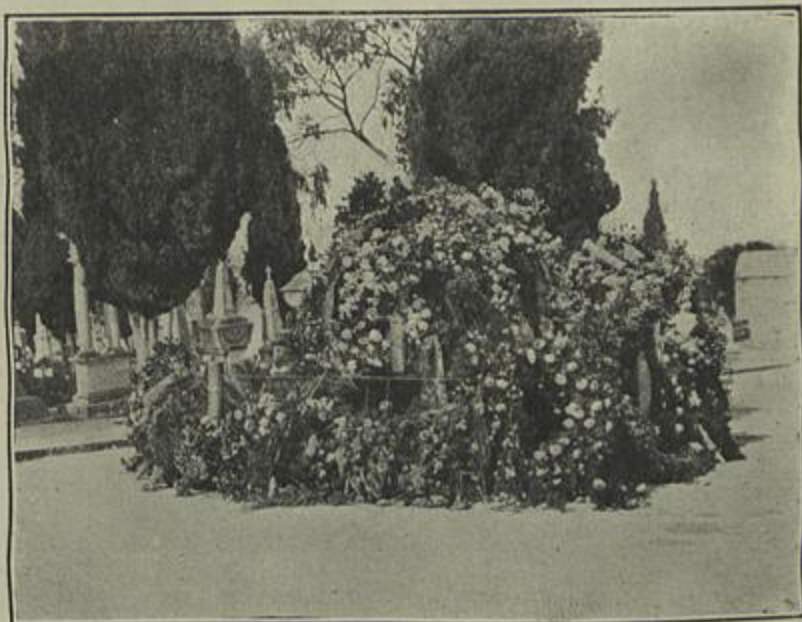
Não! Não!

Vogavamos á tóa, desnorteados, no mar tenebroso dos problemas nacionaes, mais profundamente vago, mais carregado de perigos e de sombras do que aquell'outro mar, ousadamente sulcado e descoberto pelos nossos navegadores.

O que nos faltava de claridade rediviva, o amparo que a nossa fé não encontrava no pélagos das nossas desditas, o erro que nos atormentava e nos torturava, como uma fatalidade sem conforto e uma tribulação sem esperança, era que ao nosso espirito não surgia a magica estrella guiadora na estrada da nossa grandeza.

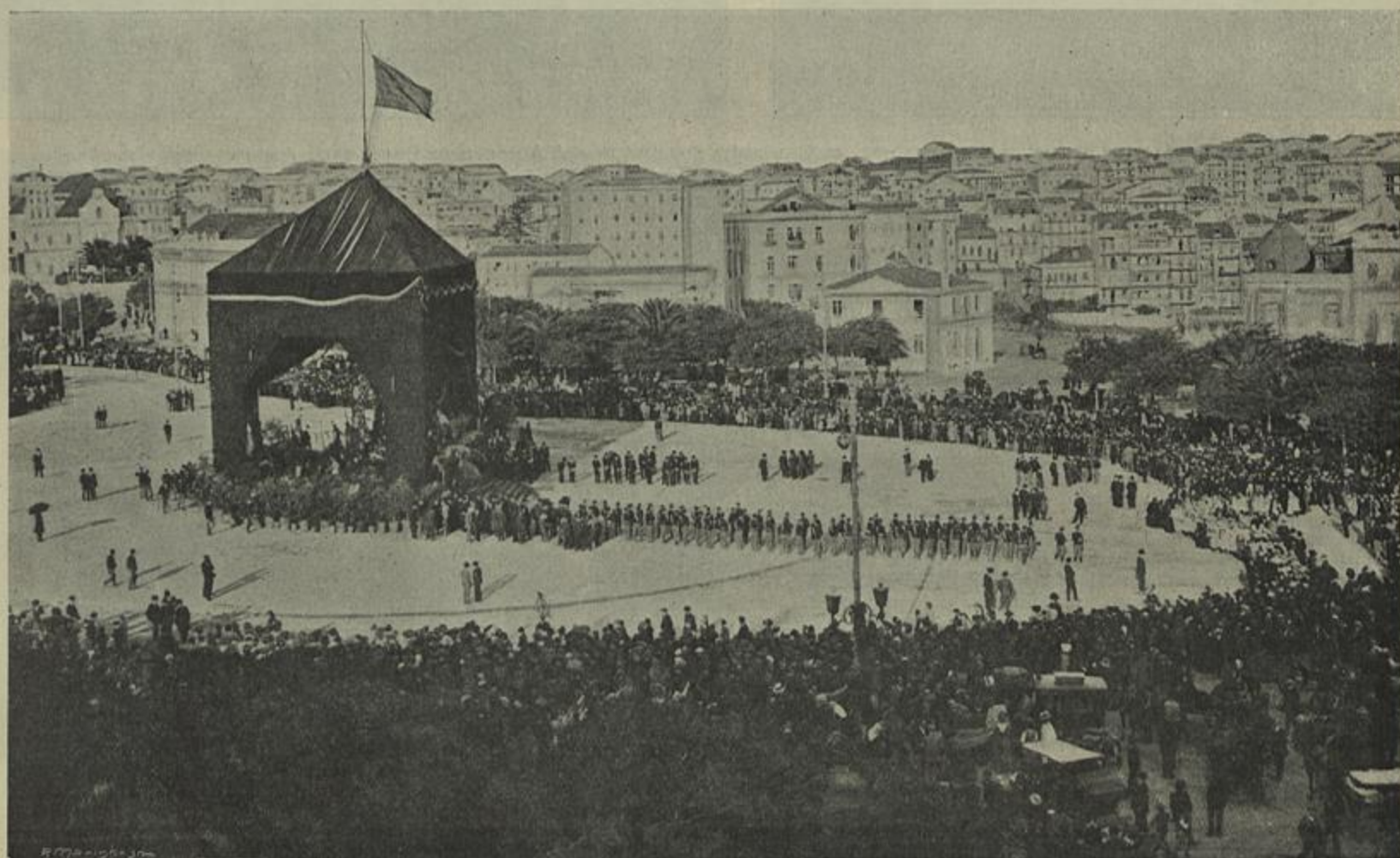
Onde e como encontrar a antiga fibra heroica, que perderamos no machievelismo das combinações falsamente tidas por sagazes, e no ensinamento jesuitico que se julgava de tão alto valor moral? De onde nos havia de vir a taboa salvadora? De que madeira sagrada architectariamos a nossa arca, fazendo-a sobrenadar no turbilhão das nossas culpas? No estrangeiro, que nos cubiçava? na finança, que nos repelia? no convencionalismo accommodaticio e eivado dos vicios inconfessaveis? na industria, que mal possuimos? nas artes, que não concebiamos? na filosofia, que só nos compendios escolasticos cultivávamos?

Collámos então o ouvido ao coração da patria, e auscultámos o puro rumor sagrado da alma portugueza. A salvação devia estar ali. Não se amoldava a nossa consciencia com a ameaça de que a nacionalidade teria de morrer de todo. A obra do heroismo não poderia ser mantida senão pelo heroismo. A grandeza de um povo não pôde ser sustentada senão pelo consagramento do seu espirito historico.



AS SEPULTURAS DO DR. BOMBARDA E DO VICE-ALMIRANTE CANDIDO DOS REIS, NA RUA PRINCIPAL DO CEMITERIO DO ALTO DE S. JOÃO E QUE TEM OS N.º 5746 E 5747, COBERTAS DE FLORES E CORÔAS

(Cliché Alberto Lima)



PASSAGEM DO CORTEJO NO LARGO DE CAMÕES — CHEGADA DO CORTEJO Á ROTUNDA DA AVENIDA, ONDE SÃO PRONUNCIADOS OS DISCURSOS PELOS ORADORES SRS. ANSELMO BRAAMCAMP, ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA, DR. EUSEBIO LEÃO, DR. JOSÉ DE CASTRO, ETC.

(Clichés da Mala da Europa)

Proclamação da Republica em Portugal



A FAMÍLIA REAL PARTINDO DA PRAIA DA ERICEIRA PARA O EXÍLIO, EM 5 DE OUTUBRO DE 1910, É AGUARDADA PELO YACHT «AMELIA»

(Desenho de J. Ribeiro Cristino)

berdade, era espectáculo verdadeiramente memorável de enormidade e solemnidade. Milhares e milhares de pessoas, marchando em rigoroso silencio ao som da *Portuguesa* executada pelas numerosas bandas incorporadas no cortejo, cobriam completamente a vasta rua central. E d'essa multidão erguiam-se centos de bandeiras, formando uma linha incommensuravel, a perder-se no rasto refulgente dos capacetes e pennachos brancos da cavallaria. Nunca Lisboa presenciara uma manifestação semelhante, nem pela agglomeração de classes sociaes que nella tomaram parte, nem pelo seu sentimento impulsivo e unanime que as movera. Tres horas levou o cortejo a passar por deante dos catafalcos onde descansavam, a meio da Rotunda, as urnas funerarias. Quando os cadáveres chegaram ao cemiterio do Alto de S. João era noite, e um frio luar illuminou a sua descida á cóva.

Se um sopro de alma podesse perpassar de novo nos olhos para sempre serrados d'alquelles dois portuguezes valorosos, com que desvanecimento elles veriam ali o começo da realisação da sua obra libertadora!

JOÃO PRUDENCIO.



A partida da Família Real para o exílio

O quadro que hoje podemos apresentar a nossos leitores, mostra como se realisou, em a tarde de 5 do corrente, na praia da Ericeira, o embarque da familia real para bordo do *yacht Amelia*, conduzida em barcos de pesca pertencentes ao sr. Catau.

O sol declinava já no horisonte e os seus ultimos raios illuminavam em cheio a praia onde o mar, agitado pelo vento fresco, vinha quebrar-se em ondas contra os rochedos.

O embarque tornou-se difficil e ainda mais o remar dos pescadores para bordo do *Amelia*, que pairava a distancia. Entretanto tudo se fez em silencio e num relativo isolamento, pois não chegariam a estar na praia umas quarenta pessoas, na maioria pescadores.

Do alto do paredão da Ericeira esta cena foi presenciada por habitantes da vila que ali acudiram ao sentir o tropel do esquadrão de cavallaria que escoltava os automoveis em que vinha a familia real.

No *yacht Amelia* estava o sr. D. Affonso, que embarcara de manhan em Cascaes. Assim se reuniu a familia, pondo-se o *yacht* ao largo, mas só seguindo viagem cêrca da meia noite, depois de lhe ter sido feito certo sinal do farol do Cabo da Roca.

A viagem até Gibraltar, foi boa, pelo que disse uma testemunha de bordo, chegando áquelle porto no dia 7, já pela noite.

De manhan, tendo o *Amelia* içado a bandeira portuguesa, foi saudado com uma salva de 21 tiros, vindo depois a bordo cumprimentar a familia real o comandante da esquadra inglesa e as autoridades civis e militares da terra.

A familia real passou esse dia e noite ainda a bordo e só desembarcou, no domingo 9, ao meio dia, dirigindo-se para a igreja de Santa Maria Coroada, onde ouviu missa dita pelo bispo de Gibraltar. Nesse acto foi acompanhada pelos

srs. conde de Sabugosa e D. Vasco Belmonte, veador da rainha sr.^a D. Amelia.

A familia real hospedou-se depois no palacio do Governador Archibald Hunter, onde se conservou até á partida de Gibraltar.

A sr.^a D. Maria Pia deixou o palacio do Governador, no dia 16 de manhan, para embarcar no navio de guerra italiano *Regina Elena*. O embarque realisou-se com todas as honras reaes, sendo muito comovedora a despedida entre a familia que se apartava em tão tristes condições.

O *Regina Elena* ao receber os reaes viajantes içou o pavilhão da Casa Saboia e dando as salvas do estilo deixou o porto de Gibraltar.

Pela tarde, foi a partida do sr. D. Manuel, de sua mãe e do sr. D. Affonso, os quaes embarcaram no *yacht Victoria and Albert*, que foi ali enviado por ordem do rei de Inglaterra. A partida efectuou-se tambem com todas as honras reaes, comparecendo o governador e todas as autoridades civis e militares de grande uniforme, e guarda de honra, com banda que tocou o himno portuguez.

Acompanhavam o sr. D. Manuel e a sr.^a D. Amelia o sr. conde de Sabugosa, conde e condessa de Figueiró, marquês de Lavradio e o professor sr. Kerausch.

O *Victoria and Albert* deixou Gibraltar, seguindo viagem para Plymouth, onde chegou no dia 19 ás 5 horas e tres quartos da tarde.

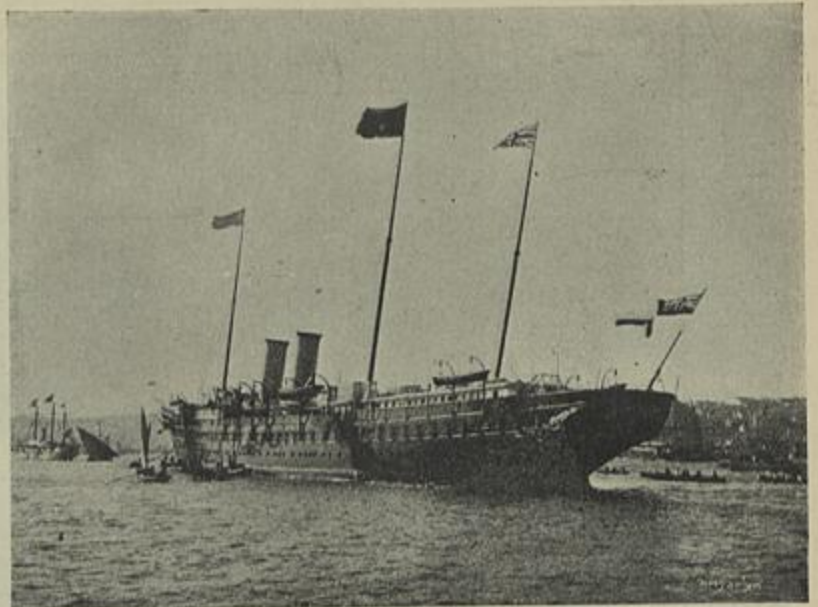
Os reaes viajantes fóram ali recebidos pelo conde de Howe, representante do rei Jorge V, marquês de Soveral, ministro de Portugal em Londres, ministro de Espanha e dr. Ricamier, amigo da familia real portuguesa. A bordo do *Victoria and Albert* foi o duque de Orleans acompanhado com outras pessoas de distincção, cumprimentar os reis exilados, dando-se cenas comoventes.

Depois seguiram todos para a estação do caminho de ferro, onde um comboio real esperava os viajantes para os conduzir a Evesham, com destino a Wood Norton, ao castelo do duque de Orleans, em que ficaram hospedados.

A sr.^a D. Maria Pia, chegando a Spezia no dia 19, dirigiu-se para o castelo de Sanrossore, perto de Piza, indo ao seu encontro, seu sobrinho o rei Victor Emmanuel e a rainha Elena.

O rei de Italia destina para residencia de sua tia a *villa* de Poggio de Caiano, celebre pelos primores de arte com que a mandou construir Lourenço *O Magnifico*, e ainda por ter sido habitada pelo duque de Florença e pelos grans-duques da Toscana. E' um monumento da arte italiana como abunda por toda a Italia do Sul, principalmente, e ninguem que visite Florença, Toscana, Milão ou Roma e até Napoles, não deixará de admirar seus palacios e castelos, como outros tantos monumentos de arte com suas historias dramaticas e tragicas de que fóram teatro, a par de amores felizes que ali viveram. Os poetas tem-lhe dedicado seus poemas e *villa* Poggio foi cantada por Poliziano, poeta quinhentista, um dos mais liricos da Italia.

O rei Victor Emmanuel estabelece á sr.^a D. Maria Pia a pensão de 250:000



O YACHT «VICTORIA AND ALBERT»

liras annuaes ou sejam cêrca de 50:000\$000 de réis, abonados da sua lista civil e rendimentos proprios.



Reconhecimento da Republica Portuguesa pelas potencias estrangeiras

A primeira impressão produzida no estrangeiro pela noticia da proclamação da Republica em Portugal, foi de assombro, pelo que se depreende dos primeiros telegramas e artigos publicados pela sua imprensa.

Mal se compreendia como em tão poucas horas de luta se fazia uma revolução e se proclamava um novo regimen, na capital dum país e a elle todo se estendia sem despertar a menor insurreição pelas suas cidades, vilas e aldeias.

Immediatamente de Inglaterra, França, Alemanha, Espanha e Italia, fóram enviados correspondentes a Lisboa para informarem com segurança os seus jornaes do que aqui se passava.

Esses jornalistas vieram encontrar a cidade já no seu estado normal, de movimento e commercio, como se tal revolução não tivesse havido, apesar de nas poucas horas que ella durou se terem imolado alguns centenaes de victimas no altar da patria.

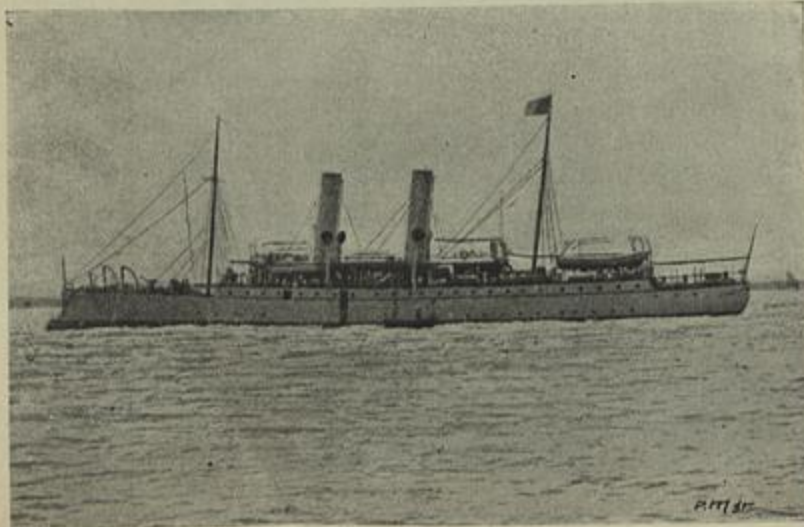
Deste modo, as impressões desses correspondentes transmitidas para os seus jornaes, têm sido optimistas, reflectindo-se no que, em geral, escrevem esses jornaes, principiando pelo *Times*, seguramente o jornal mais ponderado da Inglaterra, como se vae lêr:

«Embora D. Manuel mereça a simpatia da Inglaterra, cada nação tem o direito de arranjar os seus negocios domesticos como entende, e que mesmo as potencias mais amigas, não pôdem nem devem intervir no sistema do governo interno de outro país. Sempre existiram entre a casa real de Portugal e da Inglaterra relações intimas, mas a amizade inglesa não será alterada pela desaparicação da monarchia em Portugal.»

Sobre o reconhecimento da Republica diz: «Varias potencias continentaes parecem dispostas a deixar á Gran-Bretanha tomar a iniciativa do reconhecimento do novo regimen portuguez. Dada a importancia dos interesses que a Inglaterra tem em Portugal e as relações intimas que ha tantos seculos unem os dois países, relações que pôdem ter sido consolidadas pelos laços que unem as duas dinastias, mas que nunca fóram baseadas sobre estes laços, parecia eminentemente justo e conveniente que a Gran-Bretanha, quando chegue o momento, dê o exemplo, estendendo uma mão amiga á Republica Portuguesa, da mesma fórma que o fez ha muitos seculos aos soberanos portuguezes.»

Ainda a imprensa inglesa:

O *Daily Telegraph*, orgão conservador, diz que ninguem deseja na Inglaterra, a despeito da simpatia por D. Manuel, ditar o governo da simpatia aos portuguezes. Portugal é livre e não é surpreendente que os melhores e mais vigorosos



O YACHT «AMELIA» QUE CONDUZIU AO EXILIO A FAMILIA REAL

elementos se tenham combinado para pôr termo ao intolerável estado de cousas.

No exemplo do Brasil os republicanos portugueses encontraram um incentivo pela brilhante prosperidade daquelle país sob o regimen da Republica. Um dos resultados do advento da Republica de Portugal é aproximar ainda a ex-metropole da grande Republica de além mar. Em todo o caso a Republica Portuguesa, aceita pelo povo de Portugal, será reconhecida por todas as potencias e nada pôde romper as intimas relações que existem ha 600 annos entre Inglaterra e Portugal, pois a aliança é uma aliança dos dois povos e deve subsistir, qualquer que seja a fórma do governo que o povo português adote.

O *Daily News*, liberal diz que não é duvidoso que a Republica uma vez estabelecida em Portugal provocará revolução do outro lado da fronteira, mas isto nada tem com as outras potencias.

Cada nação tem o direito de decidir dos seus proprios destinos e nenhum governo inglês pensaria em intervir e muito menos um governo liberal.

A amizade entre a Inglaterra e Portugal, é, entre os dois povos, independente da fórma do governo.

O *Daily-New*, (de Londres, conservador):

«A Republica Portuguesa prosegue o seu caminho firmemente, e todos os dias confirma a solidez do novo regimen. Pronto reconhecimento da Republica pelas potencias estrangeiras, é para desejar e deve esperar-se que o nosso país a quem em vista das nossas relações particulares com Portugal, muitas outras nações desejam ceder o passo, se não deixará antecipar, atrazando sem motivos este reconhecimento.»

«O *Daily Mail* comentando um telegrama do Presidente do Governo da Republica Portuguesa, dr. Teófilo Braga, diz:

«Não ha nenhum Estado cuja aliança seja de mais suprema utilidade por duas razões.

Portugal ocupa a melhor posição sobre os caminhos estratégicos do Atlantico septentrional e possui um imperio colonial com bases navaes magnificas que ligam a Europa com a America e o Extremo Oriente.

Para a integridade do seu imperio, Portugal precisa da protecção da armada suprema; eis a necessidade que tem feito de Portugal o aliado tradicional da Gran-Bretanha; a aliança é, pois, baseada no interesse e não fundada em bases sentimentaes.

Creemos, pelo seu carater e inclinações, que o novo presidente é um homem de magnanimidade unica, e os seus votos serão mostrar ternura pelos depositos, e então a sua obra de reforma e regeneração será vista com a maior simpatia aqui.»

Continúa a imprensa inglesa:

O *Daily Mail* diz que a questão essencial no futuro é a sorte do imperio colonial de Portugal. Aquelles que em Berlim sugerem a ideia da divisão desse imperio dão bem a entender que o povo britânico está resolvido a manter a integridade das possessões portuguesas e impedir a expoliação da joven Republica.

Mais.

O *Daily Mail* crê que o programa do governo é immenso e constitue uma tarefa fulminante; diz que a primeira necessidade do país não é a queda das instituições politicas, mas a abolição de sinecuras e da administração extravagante e corrupta.

O *Daily Telegraph* espera que a Republica proceda prudentemente para com a Espanha porque uma tentativa para alastrar a revolução pela Espanha terminaria pela ruina da nova Republica, cuja necessidade mais imperiosa é viver em paz com o reino visinho.

O *Standard* diz que a Inglaterra continuará ligada, pelos laços de permanente e desinteressada amizade, com a Republica Portuguesa como com a monarchia, e espera que seja infundada a sugestão de que os portugueses desejam alienar uma parte das suas colonias.

O *Mornig Post* diz que a situação das colonias portuguesas só apresentará dificuldades, se houver perigo de intervenção de outros Estados: então será necessario que a Inglaterra considere o

melhor meio de dar efeito á vontade nacional inglesa de manter a integridade das colonias portuguesas.

O *Daily Cromle* diz que a Inglaterra reconhecerá a Republica Portuguesa no momento oportuno, mas poderia bem aproveitar a ocasião para pedir seguranças de que termine a escravatura nas possessões de Portugal em Africa.

O *Times* diz: A administração republicana de Portugal tem ainda a demonstrar os seus meritos, mas podemos já levar ao seu credito o cuidado que mostrou para a segurança da familia real, e o desejo tão claramente expresso da manutenção da amizade tradicional da Gran-Bretanha. A politica do novo governo e as suas intenções são evidentemente honestas e sãs; se os chefes republicanos podem dar um governo puro e desinteressado ao país, que tanto sofreu por falta desse governo, assegurando ao mesmo tempo ás potencias e a todos os estrangeiros liberdade, sociedade comercial e financeira, acharão no povo da Gran-Bretanha os amigos mais sinceros.

A imprensa aleman, em geral, mostra-se mais reservada, seguindo-se em Berlim com grande atenção a atitude da Inglaterra, dizendo os correspondentes alemães para os seus jornaes, que é preciso ter em vista um dos ultimos discursos de Asquith, em que este estadista disse que a aliança anglo-portuguesa, não é uma aliança de dinastias mas de povos.

A *Deutsche Tages Zeitung* diz que esta declaração de Asquith deve ser considerada como uma instigação á mudança de regimen, o que se comprova pela simpatia com que a Inglaterra acolheu a vitoria republicana.

Em Washington a comunicação do governo da Republica foi bem recebida, causando grande alvoroço e espanto a fórma sumaria como a revolução se fez. O governo dos Estados Unidos da America do Norte não tem duvida em reconhecer a Republica Portuguesa logo que esteja provada a sua estababilidade. Esta hesitação é a consequencia natural do assombro que ali causou a noticia da revolução e seu quasi inacreditavel e rapido triumpho.

Em França a opinião geral da imprensa, incluindo o proprio *Figaro*, jornal dos mais conservadores, é favoravel á proclamação da Republica Portuguesa, avançando alguns desses jornaes, como adeante se verá, que é preciso desde já reconhecer o novo regimen de Portugal:

O *Temps* acentua que a Republica Portuguesa deve proseguir com exito e que os republicanos portugueses deverão, para exercer uma acção reformadora, apoiar-se na opinião publica, acção que deve ser feita com patriotismo, tendo por bases a economia e a justiça. Diz mais que o reconhecimento da Republica Portuguesa se impõe imediatamente.

O jornal *Les Debates* é de opinião que é necessario esperar que o novo governo esteja solidamente assente.

O *Figaro*, que intitula: *Depois da Vitoria* o artigo em que reproduz os telegramas de Lisboa, consigna que o seu reconhecimento parece não dever oferecer dificuldade alguma visto que a sua situação se consolidou sufficientemente para que o restabelecimento da monarchia possa ser admitido. Apenas os órgãos reacionarios formulam criticas.

O *Éclair* finge acreditar que Portugal vae perder as suas colonias e a *Republique Française*, ao contrario, condemna energicamente a ideia da divisão dessas colonias emitida a este respeito na Alemanha.

(Continúa).

A BANDEIRA

Meu presado Caetano Alberto:

A alma saudosa do portuguez ahi anda a exalar o seu incuravel sebastianismo, a proposito da bandeira nova.

E' natural, embora não seja logico, um certo apêgo ao abolido pavilhão azul e branco. Era bonito, na sua banalidade; e tinha a côr do céu, illuminado pelo sol do meio dia. Mas, se reflectia essa transitoria imagem do infinito, estava longe de ser eterno como elle.

A bandeira nacional não tem sido, nem pôde ser inalteravel. Mesmo quando foi branca, n'um rosario de seculos, o velho escudo coroadado soffreu modificações adequadas aos gostos soberanos, ou até aos estylos decorativos de varias épocas. Assim é que o pavilhão galante, com que se adornou a vaidade de João V, o amigo das freiras, mal se parecia já com o toco estandarte de Afonso IV, o inimigo de Ignez.

A evolução social, por vezes, accentuava-se na bandeira. E quando chegou o Constitucionalismo, não só se modernizou o brazão, ainda realengo, mas deu-se a invasão do azul, que assoberbou metade do campo branco.

Não houve, então, rajadas de lyrismo, entre sentimental e indignado, a protestar contra a mudança? Fôram celebres, por exemplo, os versos exaltados de João de Lemos. Nem por isso a bandeira deixou de ficar azul e branca, — porque tinha de corresponder a uma nova modalidade politica da nação.

A nossa Revolução quiz agora proclamar as suas côres, vermelha e verde, duas côres simplistas, consagradas pelos heroismos do presente e pelas esperanças largas do futuro.

Mas o governo provisório, receiando talvez que o estandarte revolucionario, passado o momento que lhe deu razão de ser, fique tingido de sectarismo, ou que não offereça á cultura do tempo corrente as necessarias condições estheticas, nomeou uma commissão competente, para estudar a definitiva composição da bandeira que mais convenha ao Estado, regularmente constituído.

Ora, aqui surge um alvitre, com tanto direito a ser exposto como outros, — mas sem pretender atropellar nenhum dos outros, tanto mais quanto, n'este plebiscito especial, já fulguram divinas phrases de Guerra Junqueiro.

A bandeira da Republica, em que se consubstancia a representação convencional da nacionalidade, deve ser organizada com todas as côres que, atravez dos tempos, guiáram na guerra e na paz o povo portuguez.

Bipartida, poderá esquartelar-se com as antigas côres branca e azul, dispostas na primeira metade, a relembrares os regimens ancestralizados pelas transformações successivas; e com as côres vermelha e verde, dispostas na outra metade, para attestarem flagrantemente a vitalidade do regimen actual. Ao centro, como é de justiça irrevogavel, deve apparecer o nobre escudo dos castellos e das quinas, sobrepujado por qualquer symbolo que faça esquecer a corôa expulsa.

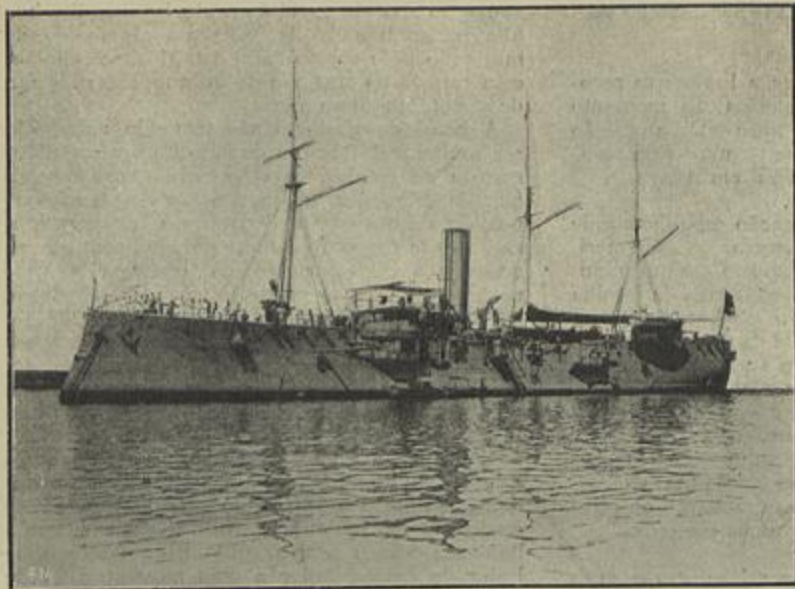
D'esta fórma, a nova bandeira será uma synthese heraldica da grande historia que gravou na face do globo o nome de Portugal, e das irresistiveis aspirações modernas, que nos impellem para a comunidade mundial.

Bem sabe o meu caro Caetano Alberto que houve, entre nós, um periodo de criticismo systematico, em que a moda humoristica mandava maltratar as illustres quinas patrias, por se prestarem, irresponsavelmente, ás facundias perorações da rhetorica avariada. Em taes circumstancias, porém, ellas teem de ser comparadas aos melhores quadros dos museus, os quaes, segundo a ironia dos finos Goncourt, se fartam d'ouvir disparates!

Abandonal-as, pois, sob pretextos frivolos, seria uma ingratitude tamanha como a de renegar a novissima coloração vermelha e verde, unvida de sangue generoso, e celebrada pelos côros ardentes da victoria.

Quanto ao emblema, que ha de substituir a carapuça real, completando o escudo estylisado n'uma remodelação hieratica, creio que não é de embaraçosa escolha. Evidentemente, impõe-se o signo de Christo, que levou por esses mares obscuros os nossos barcos d'aventura, e logo sugere um cyclo immenso, de raras opulencias e tambem de tremendos desastres, que se abriu ha centenas d'annos e, provavelmente, só virá a encerrar-se na idade hypothetica em que deixarem d'existir os estados assentes nas terras de Santa Cruz.

Assim, de resto, ficaria até certo ponto satisfeita uma indicação de Theophilo Braga, — o patriarcha da intellectualidade, arrancado aos seus estudos pelo justiceiro tufão, que ainda chegou a horas de proporcionar á sua pessoa a glorificação suprema das idéas professadas durante toda uma existencia util.



O CRUSADOR «S. RAFAEL»

Também serviria, para o objectivo effeito, uma estrella d'ouro, uma só, figurando o genio da raça. Mas a realisação plastica d'esse astro suscitaria depressa a vulgar facecia, que tão facilmente brota do scepticismo contemporaneo: não lhe applicaria ella, porventura, o apodo de gira-sol?...

Emfim, tudo isto pertence essencialmente ao criterio da referida commissão official, de que fazem parte os seus amigos Abel Botelho, Colum-bano, e João Chagas, companheiros queridos de outros tempos e de outras lides.

Permita o meu bom Director que eu lhes exponha aqui o meu projecto, visionario e rudimentar, — e que lhes recommende com alvoroço:

— Sobretudo, nada de *letreiros*, que convertam a Bandeira n'uma ta-boleto!

E queira perdoar esta caturrice inevitavel do

Seu velho collaborador

MONTEIRO RAMALHO.



Os cruzadores «S. Rafael» e «Adamastor»

Foram estes dois navios da armada portugueza que tomaram parte mais importante na revolução que implantou a Republica em Portugal.

O cruzador *S. Rafael* faz parte da marinha de guerra portugueza desde o anno de 1900, tendo sido construido pela Companhia *Forges et Chautiers*, de França, e custou 570:000\$000 réis.

E' de 1:800 toneladas com duas maquinas de 2:560 cavalos, mede 75 metros de comprimento, 10 de bóca, 4,5 de calado e 7 de pontal. Tem o convez couraçado e casco de aço.

Seu armamento compõe-se de dois canhões de tiro rapido; quatro de 12 c.; oito de 47 m/m; duas metralhadoras e um lança torpedos.

Este cruzador, cujo nome lembra o da gloriosa caravela, em que Vasco da Gama descobriu a India, é do mesmo tipo do *S. Gabriel*, nome de outra caravela que tomou parte no descobrimento da India, e que também foi construido na mesma occasião pela mesma companhia.

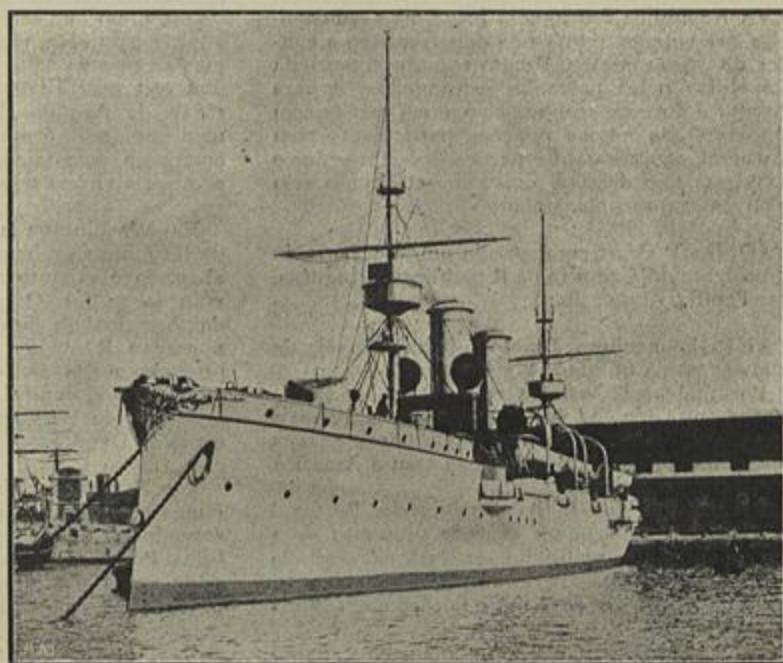
O *Adamastor* foi construido em Livorno, nos estaleiros de Fratelli Orlando, acreditados construtores que têm fabricado a maior parte dos navios de guerra italianos e que fizeram o *Adamastor* a capricho com todos os aperfeiçoamentos conhecidos, em 1897, anno em que foi construido.

O casco é de aço Siemens Martin, da espessura minima de 10 c. e maxima de 16 c. E' de 2:000 toneladas, com duas maquinas de triplice expansão e da força de 3:000 cavalos. Mede 75^m,21 entre perpendiculares. Seu andamento maximo é de 18 milhas. Tem a seguinte artilharia: quatro Hotchkiss de 65 m/m; duas peças de tiro rapido Hotchkiss de 37 m/m; quatro metralhadoras Nordenfeldt, e um tubo fixo lança torpedos.

Este belo navio de guerra foi pago com a subscrição nacional que se abriu em 1890, quando do *ultimatum* da Inglaterra, e deu entrada no Tejo em 7 de agosto de 1897, sendo motivo de grande regosijo publico.

Foi seu primeiro comandante, que o conduziu de Livorno, o almirante sr. Ferreira do Amaral.

A entrega do *Adamastor* ao governo portuguez realisou-se no dia 15 do dito mez, com toda a solemnidade, pela Commissão da Subscrição Nacional, havendo grandes festas no Tejo.



O CRUSADOR «ADAMASTOR»

Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar com **medicos de sua escolha** e fazer-se acompanhar de pessoas de familia.

Secção especial de **doenças nervosas**, dirigida pelo professor EGAS MONIZ.

Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.^a

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

Vierling & C.^a

Abriram o seu estabelecimento

104, Rua dos Capellistas, 106

17, Rua Augusta, 19

Negociam em Cambios, Papeis de Credito, Coupons, Ordens de Bolsa e Loterias.

Telephone, 2873

Endereço, Fundos.



COUTO ALFAIATE

Novas installações d'este atelier

Este atelier que por muitos annos esteve na rua do Alecrim, está montado com todos os requisitos modernos, e sortido com as ultimas novidades de Paris e Londres.

RUA DO LORETO

Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1. (á Praça Luiz de Camões) — LISBOA

TELEPHONE 1815



CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis